

Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Artes e Letras

Departamento de Artes Visuais

Curso de Artes Visuais – Bacharelado em Desenho e Plástica

Guilherme Bortoluzzi Pereira



Entre idas e vindas

Santa maria, RS

2018

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Departamento de Artes Visuais
Curso de Artes Visuais – Bacharelado em Desenho e Plástica

Guilherme Bortoluzzi Pereira

Entre idas e vindas

Santa maria, RS

2018

Guilherme Bortoluzzi Pereira

Entre idas e vindas

Trabalho Final de
Graduação apresentado ao Curso de Artes Visuais da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais – Habilitação Desenho e
Plástica

Orientador: Prof. José Francisco Goulart

Santa Maria, RS

2018

Guilherme Bortoluzzi Pereira

ENTRE IDAS E VINDAS

Trabalho Final de
Graduação apresentado ao Curso de Artes Visuais da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais – Habilitação Desenho e
Plástica

Aprovado em 12 de julho de 2018:

José Francisco Flores Goulart Me. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Helga Correa Dra. (UFSM)

Rosa Maria Blanca Cedillo Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não foi uma conquista individual. Entendo a importância que tiveram muitas pessoas e levo em consideração toda a forma de ajuda que me foi dada durante esta caminhada. No que toca a este trabalho, e no que toca a mim.

Nesse sentido acho importante ressaltar algumas pessoas, que como pilares, sustentaram junto comigo o peso desta responsabilidade que cabia, a mim.

Primeiramente deixo um agradecimento especial a meu professor orientar José Francisco Flores Goulart, por acreditar na potencia deste trabalho, e principalmente por acreditar na minha capacidade de realiza-lo, mesmo quando eu não acreditei. Por ter se tornado mais que um professor, mas um amigo durante esta jornada da minha formação.

Ao colega de profissão e academia Matheus Bolson, por juntar suas forças as minhas, por ter acompanhado e discutido comigo durante todo este processo de pesquisa. Que tomou minhas dores como suas durante as falhas deste percurso, e mostrou-se além de um grande amigo, um grande colega de profissão, e exemplo de persistência.

Agradeço também a minha companheira Camila Nuñez pelo seu apoio emocional durante esta jornada de altos e baixos. Que me mostrou quanto o amor é reconfortante durante os momentos de dificuldade, e enfrentou comigo as minhas batalhas.

Deixo aqui também um agradecimento para todos os colegas e amigos, que estiveram comigo durante esta jornada e cujos os nomes seriam demais numerosos para esta passagem. Espero que eu tenha sido capaz de retribuir todo o carinho que vocês me deram durante meu percurso.

RESUMO

ENTRE IDAS E VINDAS

AUTOR: GUILHERME BORTOLUZZI PEREIRA

ORIENTADOR: JOSÉ FRANCISCO FLORES GOULART

Este trabalho trata de uma pesquisa desenvolvida como TFG, requisito parcial para a obtenção do diploma do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Bacharel em Artes Visuais – Habilitação Desenho e Plástica. Neste trabalho estão descritos os processos de retoma do acervo pessoal do autor, somadas ao desenvolvimento plástico e teórico de uma poética visual no campo tridimensional, e realizada com foco em uma apresentação final que aborde as questões exploradas de maneira consistente. A partir do encontro de dois objetos carregados de valores formais e simbólicos, o carrinho de mão e o manequim, se desencadeia, para o autor, o desenvolvimento de uma poética que visa tratar e recorrer do mundo da construção civil e seus conflitos, como problemática desencadeadora da poética. Em especial do conflito dos trabalhadores deste universo da construção civil com seu papel na sociedade contemporânea. Fazendo uma análise especial deste universo dentro do campus universitário tornam-se claras situações merecedoras de reflexão, dentro do campo das artes.

Palavras-chave: Poética. Visual. Campo tridimensional. Carrinho de mão. Manequim. Construção civil

ABSTRACT

BETWEEN COME AND GO

AUTHOR: GUILHERME BORTOLUZZI PEREIRA

ADVISOR: JOSÉ FRANCISCO FLORES GOULART

This work deals with a research developed as TFG, partial requirement to obtain the degree of the Visual Arts Course of the Federal University of Santa Maria (UFSM, RS), Bachelor of Visual Arts - Design and Plastic Education. This work describes the processes of recovery of the personal collection of the author, added to the plastic and theoretical development of a visual poetics, realized with focus on a final presentation. From the encounter of two objects loaded with formal and symbolic values, the wheelbarrow and the mannequin, the author unleashes the development of a poetics that aims to deal with and appeal to the world of construction and its conflicts, as problematic triggering of the poetics. Especially the conflict of workers in this universe of construction with its role in contemporary society. Making a special analysis of this universe within the university campus become clear situations worthy of reflection, within the field of arts.

Keywords: Poetics. Three-dimensional field. Visual. Wheelbarrow, Mannequin, Construction

Sumário

ENTRE IDAS E VINDAS

1. VOLTANDOQUE SENTIMENTO É ESTE?	1
1.1 – (re)INICIANDO O PERCURSO	3
2. REVISITANDO O CAMINHO (para ir ou vir?).....	17
3. RETOMANDO O CAMINHO (para continuar...),.....	19
3.1 ACREDITANDO NO CAMINHO (indo?)	21
Anexos.....	29
Referências.....	30

ENTRE IDAS E VINDAS

1. VOLTANDOQUE SENTIMENTO É ESTE?

Recordo-me que, desde a mais tenra idade, sempre olhei para o mundo a minha volta em busca daquilo que, para os outros, aparentemente não dizia nada. Para mim dizia muitas coisas... não somente o que se via em superfície. Pensava perceber ... tentava perceber o mundo sob outro viés. Sob outra leitura. Minha imaginação inundava este mundo com inusitados. Situações aparentemente impossíveis, porém, plenamente existentes e imprescindíveis à minha sobrevivência. Devo confessar que o diálogo entre estes universos sempre foi ruidoso para não dizer incompreendido. As pessoas, os colegas de escola, até familiares acabavam direta e indiretamente fazendo crescer um conflito interno muito grande que me fez realizar tomadas de decisões intempestivas e, muitas vezes, visando atender aos outros e não aos meus anseios e desejos.

Assim foi se passando minhas experiências escolares. O meu tempo...

No colégio, sempre me senti fora de sintonia com a maioria das pessoas. Durante os primeiros anos escolares, mantinha contato com poucos colegas. Sentia-me bem conversando com pessoas mais velhas, e normalmente me destacava nas atividades. Mesmo que sempre sentisse que não fazia nada além de estar presente naquele lugar. Nunca me senti muito conectado com as pessoas, mas sim muito mais presente no meu próprio mundo interior. Acho que por isso me tornava cada vez mais indagador, questionador e curioso. Nunca me senti satisfeito com meias respostas. Buscava muitas vezes sozinho, longe do colégio, as respostas para minhas próprias perguntas. Naquela época as lições da escola pouco me interessavam. Na verdade, muito poucas vezes as lições da escola me causavam algum interesse especial. As únicas práticas que sempre foram constantes na minha vida escolar, foram os rabiscos em folhas jogadas, e perguntas sem respostas.

No ensino médio, me deparei com uma nova situação. Tinha ingressado em um colégio técnico, que é parte da instituição da Universidade Federal de Santa Maria, o CTISM. Na busca de uma instituição de qualidade, e que não exigisse mensalidades, me deparei com esse novo mundo, quase

universitário, que para nós na época, era uma outra realidade. Naquele colégio eram e ainda são ensinados os ensinamentos médio e técnico de forma integrada. Assim que passei a ter uma jornada acadêmica de 8h, o que eu via como um grande malefício. Alí fazia o técnico de mecânica industrial. Éramos ensinados a trabalhar com máquinas de homenagem, com soldas, retificas, entre outros, em um 'atelier', que hoje eu invejo. O ensino era voltado à formação de trabalhadores(as) para o chão de fábrica. Aprendíamos os tipos de aço que existiam, como eram feitos, como funcionam os aparelhos mecânicos, quais são os sistemas embutidos neles, e, principalmente, aprendíamos a usar as máquinas pesadas da indústria. Eu não. Lá aprendi como usar essas máquinas, mas nunca para a indústria. Quando trabalhava lá, sempre acabava me dedicando a pequenos experimentos com todos aqueles retalhos. Eram as brincadeiras que eu tinha. Soldava pedaços de ferro junto, fazia pequenas construções com aqueles retalhos, e depois destruía tudo, porque também o caos sempre me interessou. Mas aquela diversão era pouca, e o trabalho duro da escola era muito maior. Pelo menos assim eu via naquela época. Hoje penso que o trabalho duro, também pode ser fruto de alegria.

Depois de alguns problemas no colégio, acabei saindo de lá, sem meu diploma, antes de terminar o ensino integrado. Me formei pela EEM Profa. Maria Rocha.

Penso que tentando atender os desejos das pessoas ao meu redor, me apressei em tomar uma decisão sobre um futuro acadêmico. Como sempre tive facilidade para o pensamento lógico, e como, sempre me botava a pensar nas questões que me cercavam, buscava me sensibilizar com o mundo, principalmente com o mundo natural, me senti sempre muito curioso. E por influência de outros, me levei a acreditar, que essa curiosidade, era na verdade uma busca científica. Assim, no ano de 2011, ingressei, aos 17 anos, na minha primeira graduação, em Física Bacharelado.

Percebo hoje, que mesmo sendo uma decisão equivocada, não foi de todo ruim. O impacto de entrar em um curso de graduação foi amenizado por essa passagem. Percebi pela primeira vez quantos conceitos, trazia impregnado comigo.

Nos primeiros contatos com essa nova vida acadêmica, me deparei com diversas situações novas que abriram em mim, novos mundos. Quando

comecei o curso de Física, acreditava que ali residia todo meu futuro, e me debrucei sobre aquele campo. Estudava principalmente matemática naquele momento, pois são a partir de fundamentos matemáticos que se criam os princípios físicos. Me sai muito bem. Logo fui aceito em uma bolsa de graduação, uma bolsa PET de pesquisa e extensão. E assim o prazer pelo estudo da Física parecia crescer mais e mais. Mas logo percebi que ali faltava ainda alguma coisa. Ali haviam coisa que para mim diziam muito e daquilo que, para os outros, aparentemente não dizia nada. Pessoalidades minhas, que não eram entendidas pela curiosidade científica. Tentava perceber, naturalmente, o mundo sob outro viés. Sob outra leitura. Minha leitura. E assim percebi que os conceitos que até então me guiavam, não eram absolutos e definitivos. Esse tipo de pensamento me levou a ver coisas que eu não reparava antes. Iniciei a me debruçar sobre outros mundos, como quem procura a grama mais verde. O campo mais próspero. E essa busca me colocou em contato com o mundo das Artes Visuais. Senti que arte amparava de frente minhas buscas e aflições perante o mundo

No quarto semestre do curso de Física, já me sentia desmotivado em relação a minha vida acadêmica, e decidi que não cursaria mais este curso. Isso aconteceu em 2013, no primeiro semestre do ano. Depois de decidido a parar o curso, comecei a passar por muitas dúvidas de que direção tomar na academia.

Neste ponto, foi crucial, uma oportunidade de conversa com o prof. José Francisco, indicado por parentes, que naquele momento me esclareceu sobre questões no curso e como podia ser uma vida de alguém dedicado à arte. Fui convidado a conhecer o ateliê de escultura, conheci trabalhos de colegas de outros tempos do curso. Depois daquele momento me senti incentivado a experimentar nas artes visuais. Fiz o processo de matrícula por vagas remanescentes e consegui uma vaga logo no segundo semestre de 2013.

1.1 – (re)INICIANDO O PERCURSO

Ao ingressar no curso de Artes Visuais, da UFSM, passei por um momento de readaptação. Naquele período, as primeiras disciplinas que eram

ofertadas aos alunos(as), os **Fundamentos de Desenho e Plástica I e II**, ambas disciplinas de 420h, contavam com um tipo de abordagem, que eu via como inusitado, e que para mim, era completamente distinto de qualquer outra disciplina que eu já havia cursado. Esta disciplina consistia de diversos conteúdos, abordando práticas poéticas distintas. Uma espécie de introdução à vida acadêmica no campo das artes. Foi um momento de muitas frustrações e alegrias.

Hoje percebo a importância dessa abordagem, que na época, por falta de experiência e contato com o campo, deixei de aproveitar, ao máximo, como um espaço e período de experimentação espontânea estética.

Mesmo assim já, naquele momento, sentia-me inclinado para o trabalho tridimensional. A abordagem do conteúdo de Volume no Espaço, naquele período, era feita a partir de um modelo de construção. As propostas possuíam um caráter poético, e deviam ser realizadas a partir de materiais já estabelecidos. Papéis e jornais amarrados com cordões e barbantes. Sentia-me muito confortável com esse tipo de trabalho, e carrego ainda as germinações destas experiências comigo.

Lembro que quando foi preciso escolher um atelier para escolher como principal, me candidatei, decido a participar daquele espaço, a ingressar no atelier de escultura, que por sorte, e boa vontade de todos envolvidos, recebeu-me no próximo semestre.

No seguinte momento, já no **Atelier I**, ingresso no atelier de escultura, e pude perceber um outro tipo de relação dos colegas com o trabalho, o orientador, o espaço, e o material, totalmente diferente das primeiras disciplinas de Fundamentos de Desenho e Plástica. Como já era de praxe aos novos ingressantes, me foi proposta a tarefa de criar um determinado número de trabalhos. E, a partir desses, buscar indícios de pesquisa. Trajetos para reflexão. Alguns caminhos próprios a serem descortinados. Sequenciados como pesquisa. Visualização e construção inicial do meu processo na prática tridimensional.

Lembro que surgiram destes pequenos trabalhos pouco mais que três ou quatro possibilidades investigativas. Leves assentamentos de curvas, ou planos, quando em um estágio de reconhecimento, são formas de se sentir indícios de tendências que aparecerão com mais ou menos força em um trabalho mais maduro. E ali já estavam gostos, características de um trabalho

que ainda viria a seguir, levemente indicadas. Nesse momento, ficava claro uma característica do trabalho no atelier de escultura da UFSM: a busca pela individualidade do trabalho de cada aluno(a). Uma grafia própria, que deve ser buscada, cuidada, e cultivada, por cada pesquisador(a) em formação daquele espaço

Na minha pesquisa com a figura humana, as partes eram de menor importância. Detalhes e membros foram sendo desprezados e amputados na proporção, em prol do sentido de unidade. Da valorização de formas mais puras. Naturalmente, começaram a surgir elementos simbólicos e motivos que se repetiam. Reapresentavam-se. Assim, a figura humana foi se construindo e constituindo-se ponto focal para minha pesquisa. Muito embora, sem uma preocupação de cunho mais realista. A figuração interpretada passou a se fazer cada vez mais presente e fundamental enquanto motivação investigativa. Percebia, em mim, uma necessidade natural de suprimir partes. Precisava ver e sentir o todo estrutural em diálogo sensível com as pequenas grandes partes que elencava como necessárias. Hoje, compreendo que, embora em início de caminhada, já estava buscando e sentindo a importância de uma unidade expressiva.

Exemplifico este particular, no uso do esteco¹. Ao finalizar e estecar² parecia que a forma se desconfigurava e ficava artificial. Sem vida. Sem energia. Isto, no entanto, sempre foi encarado como um desafio a ser vencido, pois estecar o trabalho sempre me proporcionou prazer. Este enfrentamento proporcionou-me ganhos significativos em meu trabalho. Esta aparente carência me proporcionou ver e sentir o surgimento de elementos vitais em meu processo. É o caso das geometrizações e sínteses formais que afloravam com a utilização desta ferramenta.

Munido destas constatações e reflexões entendi o que antes era percebido inconscientemente, ou seja, a necessidade de um todo estrutural enxuto e expressivo. Muitos adereços acabavam comprometendo o essencial de minha busca em escultura. Ao refletir sobre este enfrentamento em seu trabalho Gazitua disse “(...) trato de estructurar mi escultura sin trucos de ilusionismo y com sus partes a la vista como cualquier objeto útil(...)”

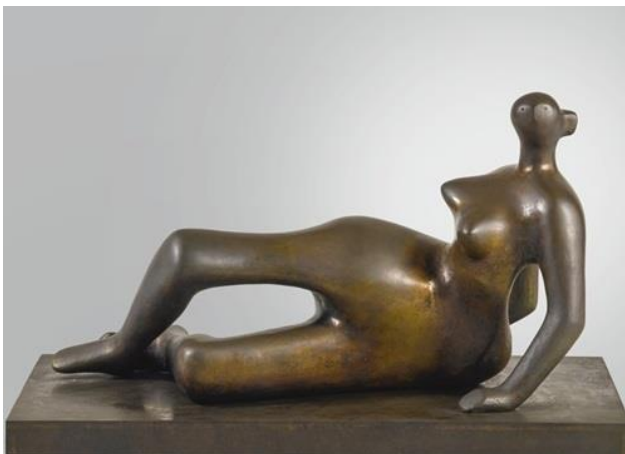
¹ Esteco – instrumento, geralmente com a ponta de corte em um fio de arame utilizada para desbaste(retirada) na argila.

² Estecar – ação de desbastar (retirada) na argila em processo de modelagem.

GAZITUA, 1995 p. 28) ou ainda, quando colocou que se deve buscar sempre uma escultura que “se puede captar de uma sola mirada em su forma general y em sus particularidades”.(GAZITUA, 1995 p. 29)

Deste primeiro semestre, de **Atelier I**, acho importante pensar em dois trabalhos que se tornaram motivações para muitos outros. Reflexão na pesquisa. Nesses trabalhos, sinto que houve uma comunicação entre a técnica e a sensibilidade. O primeiro desses que surge cronologicamente é uma figura reclinada que, desde o tema, deve muito a Henry Moore. (Castleford, Yorkshire, 1898 — Perry Green, Hertfordshire, 1986)

Figura 1 – Figura reclinada nº7 (1980, bronze, 51x91x46 cm)



Fonte: <http://catalogue.henry-moore.org/objects/18166/reclining-figure-no7>

Modelei de maneira interpretada, com formas geométricas predominantemente retangulares. A figura apoia seus braços no chão, dando assim suporte para um torso lançado, terminando em pernas que se cruzam.

Neste trabalho percebi como me interessavam os elementos e as partes que se comunicam no todo. Essa descoberta permeia minha pesquisa em diversos momentos.

Aqui usei planos para criar ritmo e o movimento dos volumes no espaço. Essa forma de expressar ritmo, é uma tradução visual de um momento de clareza tridimensional em meu processo. De percepção desses elementos de linguagem.

Figura 2 -Mulher reclinada espreguiçando (*terracota*, 27x40 x23 cm)



O segundo trabalho desse primeiro semestre, é um músico tocando bongo.

Essa peça também é de médio porte, e é a primeira a apresentar a figura de um músico. Aqui o humano e o instrumento musical se mesclam,

Ambos, instrumento e pessoa são formalmente geometrizados, com extremos em ângulos retos. Esse trabalho foi usado como referência para diversos outros.

Figura 3 - Tocador de Bongo (*terracota 22x18x22*)



Nesta etapa já vemos que o geométrico e a busca por unidade são para mim de grande interesse investigativo. Ao passo que os trabalhos ganham porte, eles também perdem o excesso de elementos.

No **Atelier II** já com um certo domínio técnico meus trabalhos começam a adquirir novas características. Porém mantendo dois princípios comuns: a síntese formal e a unidade estrutural na escultura. Vão se tornando menos povoados, menos pontudos, com passagens de planos cada vez mais sutis. Formas estruturadas sinuosa e geometricamente ritmada. Feito

melodia, ou como poeticamente, o músico, Lenine em uma canção diz que “a ponte não é para ir nem para voltar, a ponte é somente atravessar, caminhar sobre as águas desse momento” (Lenine, 1997 apud Derdyk, 2001, p.76)

Figura 4 - Sonido II (*terracota, 40x29x26 cm*) Figura 5 - Sonido (*terracota, 38x26x25 cm*)



figura 6 - Grande pequeno abraço (*terracota, 23x29x39*)



Nesse instante acadêmico meu interesse de pesquisa se volta muito para os músicos. Voltam aqui os músicos com seus instrumentos em repouso, com suas mãos suavemente deitadas sobre os instrumentos. Os músicos são flautistas, violeiros e percussionistas. As peças são individuais. Mesmo com um tema comum, nunca aparecem em grupo. São sempre músicos solitários com os instrumentos à postos. Os instrumentos e os músicos se mesclam, mas nesse momento isso ainda acontece de forma bem sutil.

figura 7 - Tocador de Flauta
(*terracota, 31x19x20*)

Figura 8 - Tocador de Guitarra
(*terracota, 54x29x33*)



Durante o **Atelier III**, eu já estava mais seguro de minha técnica, e nesse ponto já havia adquirido as ferramentas e o conhecimento necessários para realizar um trabalho de maior porte de maneira mais autônoma.

Uma prática que sempre permeou minha pesquisa foi o uso de trabalhos antigos como projetos para os novos. Sinto que esse costume é uma excelente ferramenta para a reflexão sobre o trabalho artístico. Nunca durante o percurso no orientado me senti desconfortável com a realização de novos trabalhos. Raramente me senti bloqueado ou incapaz de criar. Isso se deve muito a essa solução que adotei desde muito cedo e que é fundamento pedagógico importante do atelier de escultura. Nesse sentido Derdyk colo que: “A construção de uma forma pede um tempo de amadurecimento, que nem sempre, concorda com o tempo físico da matéria, como também exige uma condição espaço-temporal especial”.

Acredito que devido ao conhecimento adquirido na feitura de cada trabalho, além de um tempo para refletir e entender o que eu havia feito com esse ou aquele projeto, fizeram com que quando fosse necessário o uso de um trabalho antigo como projeto de um novo, esse novo nunca se parecesse com o antigo. Sempre diferentes, dificilmente recorriam às mesmas soluções. Penso que isso acontece devido à autonomia que nos é oferecida dentro do atelier, no caso dentro do atelier de escultura do nosso curso. Sinto que é muito importante que os professores mantenham uma certa distância dos seus orientandos nos ensinamentos práticos, pois assim diminui-se a influência do professor sobre o trabalho dos alunos(as). Assim o aluno(a) pode se permitir explorar tendências próprias para sua pesquisa, e o professor pode orientar, sem direcionar de maneira impositiva.

Durante o meu semestre de **Atelier III** duas características são comuns a todos meus os trabalhos: a dimensão e o fato dos trabalhos sempre apresentarem uma só figura, nunca grupos.

Figura 9 - Sonido III (*terracota*,

66x56x42 cm)



No entanto nunca abri mão de uma característica que já vem desde o início do meu processo, que é a unidade e a síntese formal. Também nesse momento percebi outras partes do trabalho tridimensional que vão além da realização da escultura e m terracota. Quantas etapas para

serem cumpridas existem entre a peça finalizada com o barro ainda secando, e todo o caminho que vem depois disso, quando o trabalho é cortado para entrar no forno, todo o processo da queima, e depois a montagem do trabalho final.

A partir desse momento a síntese e a pureza da forma, ficam mais evidentes na pesquisa. O tamanho das peças aumentou junto com a frequência de trabalho. Com um certo domínio do material passo a me sentir mais confortável em experimentar com outras. Nesse semestre realizei meu primeiro trabalho em uma escala próxima a real. Um grande desafio na minha pesquisa com a figura humana interpretada.

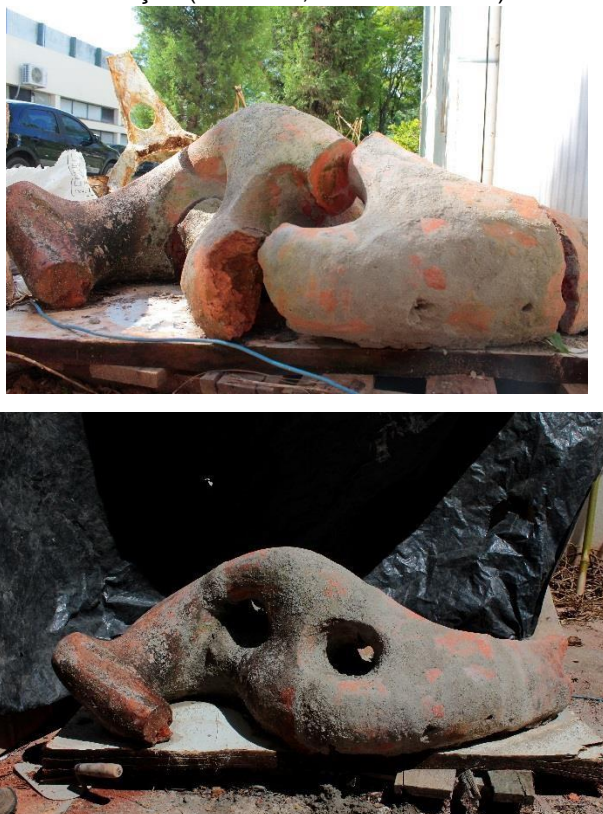
Nesse ponto eu ainda não havia trabalhado em uma peça por mais de alguns dias. Esse trabalho foi o primeiro a demandar uma carga contínua de energia e dedicação.

No momento em que me coloquei a trabalhar em uma peça de maior porte, estava me dispondo a passar mais de algum tempo para a finalização da peça. Deste trabalho, lembro de ter feito a maior parte da estrutura da escultura em pouco mais de um dia, e na sequencia passado mais 3 ou 4 semanas, no acabamento da peça. Como nunca havia feito algo assim, ainda

não sabia o que esperar, o quão diferente é trabalhar em uma escultura de tamanho considerável.

O tempo de maturação quando se trabalha em uma escultura de maior porte, é também muito maior. Quando comecei esse trabalho não sabia para onde iria com ele. Aprendi a importância do bom uso do esteco para finalização quando se busca criação de planos e linhas.

Figura 10 -Grandes abraços (terracota, 42x61x122 cm)



Outra coisa em comum aos meus trabalhos, é o fato de que a grande maioria deles se encontram sentados. Essa pose surgiu primeiramente como função estrutural. Baseei-me na forma piramidal, porque ela permite que o trabalho ganhe altura sem comprometer sua resistência e equilíbrio. Esse elemento de pirâmide é importante na minha pesquisa. Com o passar do tempo, já com um certo domínio técnico, vai se tornando característica de estrutura e expressão tomando um outro sentido de importância no todo.

No **Atelier IV** o músico e o instrumento formam uma entidade escultórica híbrida. Instrumento e instrumentista; músico e sujeito como uma coisa só.

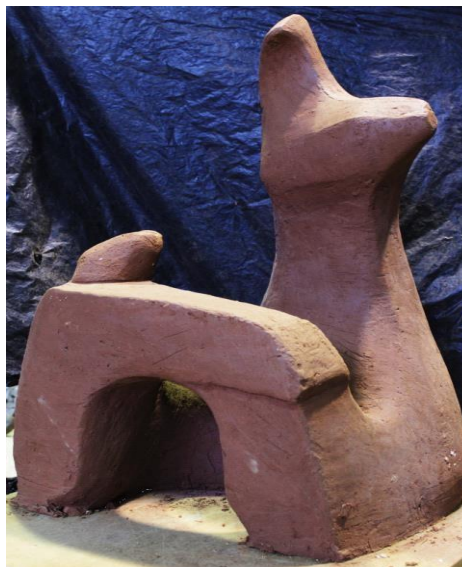
A figuração surge quase no esgotamento interpretativo já

Como exemplo, ilustro com o Tocador de Bongo IV (fig XX), onde fica evidenciado meu processo de pesquisa.

beirando uma postura de ingresso no território da abstração. Neste semestre dentro do atelier de escultura voltei-me com mais afinco para as leituras. Agora que me sentia confortável com

meu trabalho prático, percebi que ainda não estava em um estado desejado de conhecimento teórico.

Figura 11 - tocador de bongo (*terracota, 79x49x40 cm*)



Sinto que, as leituras que fiz até este momento tinham sido escassas e pouco proveitosas. Vejo que durante meu tempo no curso de graduação fui me familiarizando com os conhecimentos de história da arte, que davam aporte para estas novas leituras, porém muito pouco se discutiu sobre a tridimensionalidade. Antes estes mesmos autores falavam de ideias que passavam muito longe de meu entendimento e, por isso, foram pouco proveitosas, e que naquele momento do curso, eram questionamentos crescentes em meus pensamentos. Reflexões e lacunas de conhecimento de ordem histórica, foram sendo preenchidos criticamente nos encontros e seminários com o professor orientador José Francisco Flores Goulart. Os momentos de encontros individuais e com o grupo de escultura mediados pelo professor sempre foram fundamentais para o alicerce do meu processo. Foram livros sobre a história da escultura, somados às leituras de história

da arte e estética, que me impulsionaram a encontrar novos desdobramentos para minha pesquisa. Meu trabalho prático, neste semestre, consistiu de muitas releituras, mais ou menos bem-sucedidas, de obras importantes para mim, e apontaram para os redirecionamentos que tentarei implementar neste TFG.

2. REVISITANDO O CAMINHO (para ir ou vir?)

O artista espera, pacientemente, aquilo que pode ser impensável hoje, podendo ser pensado amanhã em processo de maturação, que exige total dedicação. A criação é assumida em sua natureza de buasca constante: seleções escolhas avanços e reotrnos. É o tempo da criação artística.” (Salles 1998 apud Derdyk, 2001, p.7)

Grande parte do curso, trabalhei utilizando a argila como matéria prima, e visava na *terracotta*³, o objeto final. Isso sempre me trouxe alegrias e aflições.

No barro encontrava cumplicidade a meus desejos e buscas no tridimensional. O peso e a delicadeza da *terracotta*. A dificuldade do transporte. Coisas que me tornavam dependentes.

Surge, então, a necessidade de procurar novos meios de expressão, sem abrir mão do meu processo. Procurar novos materiais que se comuniquem melhor com o nosso tempo. Com as coisas e acontecimentos à volta. O entorno. Trazer a luz diálogos, muitas vezes já afastados dos olhos da grande maioria.

No atual sistema social e político, vejo o lixo como uma forma de protesto e possibilidade de trabalho. Começo a me interessar pelo resto. Pelo descartado. Nossa sociedade capitalista projeta, em seu caminho, muitas

³ *Terracota* - argila manufaturada e cozida no forno.

exclusões. Nestas pegadas deixadas pelo consumo, vejo por mais paradoxal que seja, uma possibilidade de independência criativa.

A perda do sentido e função original das coisas, seja por defasagem, defeito, ou qualquer motivo, interessa-me. Questiona-me. Vejo isto como possibilidade de um novo sentido de existência sensível, ao ser apropriado como objeto artístico e incorporado ao sistema das artes.

Objetos industriais possibilitam diálogos, que podem apreender algumas questões socioculturais contemporâneas. Esses

objetos, apresentados com sentidos poéticos, podem trazer luz a novas possibilidades expressivas ao meu processo criativo na área tridimensional.

O uso da sucata como matéria/suporte tornou-se uma prática comum, principalmente, nas Artes Visuais. Uma linha de pesquisa notadamente, a partir do advento da Arte Moderna. Nesse momento, o campo tridimensional passava por uma transição devido o surgimento de novas práticas, como a instalação e a performance, que hoje já possuem seu lugar garantido e legitimado entre as galerias e museus.

O campo tridimensional abrange a escultura em seu conceito tradicional, relevos, objetos e instalações. A evolução que se fez da escultura para o relevo e o objeto e, finalmente, para a instalação. Poder-se-iam agregar ainda como desdobramento final as performances, se vistas como uma espécie de escultura no tempo.
(Morais, 1999 apud Ribenboim, 1999, p.227)

A prática escultórica precisa e passa novamente a ser questionada e repensada. Questionando a materialidade da escultura, me enquadro em uma linha de pesquisa, que vem desde o começo do sec. XX, com os construtivistas russos, que criavam suas obras escultóricas com os rejeitos e novos materiais da indústria de sua época.

Acredito que a apropriação também é um caminho, uma possibilidade de criação, que aglutina grande valor expressivo, além de unidade espaço temporal agregado.

Nas décadas de 1950 e 1960, a apropriação torna-se um procedimento corrente nas artes visuais. As assemblages orientadas

por uma “estética da acumulação” (todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte), se disseminam. A ideia forte que ancora as assemblages, diz respeito à concepção de que objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um conjunto outro, não perdem seu sentido primeiro. Menos que síntese, trata-se de justaposição de elementos, em que é possível identificar cada peça no interior do arranjo mais amplo. (APROPRIAÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017)

Usar de uma coisa ou objeto, destituindo-a de sua funcionalidade é para mim, uma das tantas possibilidades criativas que posso fazer uso.

Dos objetos cotidianos, em especial, um que me chama a atenção, são os manequins (bonecos) utilizados nas vitrines das lojas.

Do manequim de vitrine fala o humano. Plástico, imóvel, inerte. Uma triste comparação com o ser humano real. Será que não é isso que se deseja de nós? Uma pessoa inerte às transformações ao seu redor, inerte aos mundos que se tocam, que a tocam. Uma imagem plastificada e muda (como a de inúmeros trabalhadores(as)?)

Outro cenário que me intriga e sensibiliza é o da construção civil. Os(As) operários(as) e máquinas. Edificações que também são humanas e também máquinas de produção de capital para outros. Assemblages de ideais e de forças que moldam o inconsciente coletivo contemporâneo e modificam a sociedade atual. Isto, muitas vezes, senão na maioria, em detrimento dos sonhos humanos e sensíveis daqueles que conduzem, por exemplo, os carrinhos de mão nestas obras. Quase, ainda, o canteiro de obras do cenário medieval com seus mestres e artífices.

Ciertas realidades, como el próprio arte, o la pintura, o la escultura, o la obra maestra, son formas universales y transhistóricas, pero, al mismo tiempo, la vida de esas formas depende de una constante renovación similar a la de un organismo vivo. (Krauss, 2006, p.15).

Como trazer para meu trabalho escultórico estes sentimentos cotidianos e poéticos deste universo de trabalhadores(as) braçais em diálogo com o grito ensurdecido e calado dos manequins de vitrines?

Percebi que, para isto, já possuo elementos importantes como pontos de partida. Minha trajetória no curso, pontuada por aquisições de conhecimento revigorados por leituras, técnicas, reflexões e a retomada da sensibilidade humana, ancora, em mim, condição para implementar minha proposta de trabalho. Um fazer que deverá ser pautado pela presença dos cenários mencionados. Ou seja, construções tridimensionais tendo como elementos dialogais manequins (bonecos) cortados e recompostos em carrinhos de mão, reconfigurando uma outra situação plástica, porém sem abrir mão de vestígios das funções anteriores, serão elementos simbólicos presentes e trabalhados, além dos carrinhos de mão e manequins, também botinas e luvas usadas, capacetes, cimento, areia, enfim, muito daquilo que compõe este universo.

Então, reavaliando meu processo, e fazendo uso dos elementos de linguagem construídos, conquistados(?) e incorporados, enveredei meus pensamentos para trabalhar a ideia para este TFG. Técnicas, suportes, expressão tridimensional, enfim, minha poética em necessidade de revigoramento. De ressurgimento nela mesma. Ou, segundo Derdyk (2001, p. 77) (..)realizar algo de algo que vem de algo para outro algo que vai.

Revisitando-me, recolhendo subsídios poéticos dos vários instantes constituídos pelo meu fazer processual, consegui vislumbrar, ainda em devaneio, algumas situações possíveis de trabalho. O amadurecimento no curso já me proporciona condições para perceber que a imaginação necessita da força do trabalho para se fazer presente. O que (pres)sinto como ideia necessita de todo um aparato de conhecimento sensível articulado, feito o regente de uma orquestra, para que se possa sentir os sabores e formas possíveis dos sonidos.

Como primeiro passo, tentar descrever a ideia, seus sentidos e possibilidades. Tatear. Intuir. Racionalizar também. Principalmente, trabalhar sem medo dos erros pois, estes, fortalecerão as necessidades das dúvidas e buscas. Aqui encontro força e motivação em Louise Bourgeois quando, ao falar de seu processo criativo, expôs: “Meu trabalho inicial é o medo de cair. Depois se tornou a arte de cair. Como cair sem se machucar. Mais tarde é a arte de se manter no ar.” (Bourgeois 2000 apud DERDYK, 2001, p.69)

Seguindo este pensamento, e tentando ordenar o que planejo realizar, explano o que projeto para este TFG. Um possível ponto de partida sendo desvelado em palavras que se desdobrarão nas artes tridimensionais.

Tanto no campus da UFSM como no trajeto diário à cidade, vemos um grande número de obras de construção civil e o ir e vir de inúmeros trabalhadores(as) e seus equipamentos.

Materiais e ferramentas que parecem incorporar-se nos próprios corpos. Parecem uma coisa só. O guindaste e o seu operador(a), a betoneira e o seu operador(a), o motorista do caminhão, o universo capacetes inundados pelo sol e pelas sombras, as luvas que são quase uma segunda pele... enfim, um universo paralelo em meio a correria do campus.

Esse conjunto de objetos e contexto particular, têm seu sentido alargado aqui no campus. Aqueles que constroem os espaços físicos para alojar, discutir e apropriar competências cognitivas, dificilmente irão usufruir destas possibilidades e ganhos. A transcendência do esforço braçal para o intelectual e profissional mais avançado, infelizmente, ainda é um privilégio. Este contraste, além de me chamar atenção, me causa muito desconforto.

O universo da construção civil, em especial em um campus universitário nos mostra um quadro de contradições socioculturais merecedor de reflexões.

Proponho realizar, com o meu trabalho plástico, uma prospecção sensível deste mundo do trabalho na construção civil que convive conosco neste mesmo espaço universitário

Neste particular, reitero que, me chama a atenção, como elemento simbólico, o carrinho de mão e dos(as) operadores(as). Indissociáveis feito construções humanas. O(A) operário(a) e sua ferramenta. Equipamentos que, além de facilitadores, tornam-se verdadeiros fardos. Instauram-se relações subjetivas entre trabalhador(a) e seu maquinário. São trabalhadores(as), na maioria das vezes, em uma situação precária de trabalho e de vida. Uma espécie de *status quo* velado. Lógica impiedosa onde o trabalhador(a) braçal é delegado a um segundo plano.

Aproximando estes mundos e contextos, acredito encontrar pontos de proximidade entre alguns pensamentos relativos a escultura e a construção civil. Meu trabalho objetivará encontrar e construir transversalizações poéticas possíveis a partir de elementos simbólicos (já mencionados) deste cotidiano

e particulares da construção civil transpostos ao mundo da arte. Escolhi o carrinho de mão como um símbolo principal deste meio. Equipamentos como espécie de extensões humanas. Não podem também serem estes equipamentos extensões da alma? Este objeto além de carregar massa, tijolos, areia... pode levar consigo também os fardos e as fantasias destes trabalhadores(as). Onde estará este limite, de certa forma invisível, entre o homem e sua ferramenta?

São questionamentos que me vem a mente cada vez com maior frequência e que me estimulam a responder, de maneira expandida, enquanto prosseguimento processual de minha jornada acadêmica no campo das artes visuais, em particular na área tridimensional. Penso atuar, apropriando-me, como já explicitado, de carrinhos de mão somados a inserção de figuras (manequins) expositoras de vitrines recortadas e reinseridas construtivamente em unidade expressiva e de conteúdo.

Trabalharei dentro do que em escultura chamamos de espírito construtivo, agregando materiais. Penso ser esta, uma postura técnica e poética (construção) adequada para esta abordagem. Como desaguador parece-me que, naturalmente, desembocarei em situações imbricadas ao sistema contemporâneo, ou nem tanto, como instalações.

A instalação é pensada para um espaço específico e a estrutura de arranjo pode ser modificada em função dos diferentes locais, é um conceito que se desenvolve no espaço (Desvio para o Vermelho, de Cildo Meireles), às vezes estruturando-se como uma narrativa, outras vezes assumindo um caráter cenográfico, os objetos como protagonistas. Pode ser um penetrável (A Casa é o corpo, de Lygia Clark, ou Tropicália, de Hélio Oiticica) pedindo ao espectador que o percorra ou dele participe. (Morais, 1999 apud Ribenboim, 1999, p.226)











3. RETOMANDO O CAMINHO (para continuar...)

Nesta última etapa do meu TFG entreguei-me, a escolha de um caminho mais conclusivo, porém indagando as minhas certezas. Estas, para mim significam a morte do possível. (Re)Comecei, então, meus trabalhos nesse novo momento, revendo o projeto inicial. Percebo agora, claramente, como algo antes aparentemente conhecido pode transformar-se, rapidamente, em desconhecido. Novas possibilidades de revigoramentos refazendo o caminho. Revendo o cenário. Exercitei a memória sensível para retomar situações e refletir criticamente.

Lembro que quando, vi pela primeira vez, aquele manequim de loja e a sucata de carrinho de mão ambos largados no lixão.

Parecia que estes objetos poderiam e estavam me pedindo para atuarem juntos. Solicitavam-me uma recriação. Um ente híbrido. De imediato, lembrei-me de uma obra do escultor Jacob Epstein(1880-1958).

Este trabalho representa um híbrido entre britadeira e humano. Mas, ao contrário deste escultor, minha busca ancora-se

na humanidade perdida/impregnada dos/nos objetos. Não o sentido puramente mecanizado e, de certa forma, uma das características do espírito moderno. Mas, sim, a angustia contemporânea que perpassa o humano chegando até as coisas. OITICICA (1937-1980) também referiu que, "...um objeto, um grito, um som, uma ideia, qualquer coisa, não importa, pois não se trata do objeto clássico ou do antiobjeto, mas de uma espécie de coisa, algo a ver com a autonomia" (Oiticica, *apud* JUSTINO 1998, pg 100)

Então, esta experiência estética que proponho, calcada nestes dois objetos/coisas, a partir da minha ação individual e singular, talvez passe a constituir uma nova forma de existência sensível e autônoma. Uma nova e revigorada forma de liberdade criativa a partir de coisas já prontas

Figura 11- The Rock Drill (1913-14, bronze sob escavadeira, 71x 66 cm)



funcionalmente e aparentemente mortas. A partir do cotidiano envelhecido destes objetos busco, com o meu trabalho, a (re)descoberta de um mundo revigorado que ainda pode ser retomado física e conceitualmente.

Como contraponto utilizei-me destes dois elementos simbólicos e suas respectivas derivações conceituais: o carrinho de mão e o manequim de loja.



Figuras 12,13,14,15 (respectivamente da esquerda para a direita e cima para baixo)-
Percepção da passagem do tempo referentes aos carrinhos de mão e manequins.

O conhecido/desconhecido apresentou-se sob a forma destes dois objetos. Suas relações extrínsecas/intrínsecas. A busca pelas leituras e referenciais necessários para refletir e descobrir energias aparentemente suicidadas. Guardadas e escondidas nas camadas existenciais destes objetos.

Nesta etapa final de trabalho e reflexões percebi que insegurança e medo são empecilhos à criação. Obstáculos a serem superados, e vencidos com esforço e persistência.

Comecei então com mais determinação e certa clareza o planejamento para a finalização plástica no campo tridimensional das minhas ideias e conceitos. Iniciei os derradeiros movimentos no sentido de efetivar

minha pesquisa, fortemente ancorada pelo meu imaginário contaminado pelas histórias vividas, deixadas e contadas por, volto lembrar, dois objetos fundamentais neste momento, ou sejam: o carrinho de mão e manequim.

Me pus novamente ao trabalho.

3.1 ACREDITANDO NO CAMINHO (indo?)

Retomei o trabalho tentando atingir um foco mais preciso plástico e conceitualmente. Isto para atender com maior objetividade as exigências de um Trabalho Final de Graduação. Neste período me sentia cada vez mais envolto em reflexões acerca de minhas aspirações poéticas.

Neste ponto SALLES coloca que "...o percurso deixa transparecer o conhecimento guiando o fazer, ações impregnadas de reflexões e intenções de significado." (Salles, 1998, pg 122) Esse desencadeamento, para mim, é prática fundamental. Minhas relações reflexivas também são subsidiadas pela ação manual. O movimento das minhas mãos gira e alimenta as engrenagens do meu pensamento.

Sentia-me cada vez mais envolvido de forma que minha experimentação plástica foi se engrandecendo à medida que percebi as possibilidades associadas nestes materiais que me propus a trabalhar. Me relacionei com os manequins e carrinhos de mão, sempre pensando no número de histórias que aí podem estar impregnadas. Por onde passaram estes objetos? Que histórias alimentavam e contavam estes manequins quando expostos? Que mãos sonharam e levantaram as hastes destes carrinhos de mão? Quantas gotas de suor e lágrimas ficaram encrustadas junto ao cimento e areia que estes carrinhos de mão suportaram e carregaram? O mundo do trabalho consegue embalar e equilibrar sonhos?

A partir destes questionamentos, me percebia mudando atitudes e procedimentos que eu já tinha como prontos em relação a estes objetos. Via claramente que eram muito mais que simples objetos. Tornaram-se memórias e vestígios materializados perante meus olhos e minha sensibilidade poética.

Meus desejos de preservar as marcas físicas e subjetivas deixadas nestes carrinhos de mão, fizeram com que me sentisse como uma espécie de restaurador de memória e tempo. Desta forma, qualquer ação mais incisiva que pudesse fazer enfraquecer o tempo que se mostrava presente na

superfície do metal e na própria superfície e estrutura dos manequins foi deixada de lado e não fez mais parte dos meus planos. Não poderia mais pensar em retirar o cimento incrustado, marcas de acontecimentos. De existências. Ao contrário, se tornou imperioso preservar aquelas estruturas e superfícies, com camadas de seladores e vernizes que realçavam as passagens de tempo e os valores subjetivos aí incrustados. Do mesmo jeito, decidi não me utilizar de nenhum tipo de solda para as emendas, por receio de perder a originalidade das marcas e buracos que já cobriam os objetos. As ligaduras entre manequins e carrinhos, então, foram feitas com arames de construção, mantendo assim a natureza e gênese já presentes nos objetos.

Ao longo desta etapa final de trabalho permaneci sempre refletindo e buscando elementos teóricos e práticos para tentar entender o mistério que permeava estes elementos/suportes trabalhados por mim. Como trabalhar de maneira sintética e universal as questões plástico/sensíveis construídas no diálogo do mundo do trabalho a partir da poética instaurada e percebida nestes objetos simbólicos(carrinho de mão e manequim)?

Neste momento tive muitos receios. Receio de perder algo que eu ainda não tinha porém existia concreta e subjetivamente nestes objetos. Velhos e, talvez, já impróprios para quem os usava mas, novos para mim. Carregavam uma aura repleta de possibilidades e que poderia desaparecer conforme a minha intervenção. Esse temor parecia paralisante e, realmente, construiu importantes dúvidas e reflexões. Decidi, então, sentir e tratar a superfície destes objetos, aproximando-me através do toque. Da sensibilidade da mão. Ou melhor, um dos caminhos para minha reflexão e construção deste trabalho começava por esta situação. Meu corpo, em especial minhas mãos, interagindo, tateando, quase que acariciando em busca de informações.

O problema que eu encarava como pesquisa e poética neste trabalho foi construindo-se através destas experiências somadas às leituras e reflexões que realizei. Também a intuição foi fator participativo fundamental, pois a partir dela é que senti a instauração de um diálogo mais integrado e próximo com os elementos simbólicos e objetos

A necessidade de agregar outras peças destas histórias passava a se fazer cada vez mais presente. Percebi que, através do envolvimento com estes objetos, era a maneira mais sincera para buscar e apresentar as memórias que percebia e abordar as questões que me afligiam. Tinha que

trazer para o sistema das artes não o carrinho de mão e, tão pouco, os manequins de gesso, mas sim, a energia vital e sensível guardada e somada pelo uso funcional e revigorada no campo tridimensional. Aquilo que carrega peso passa a transportar subjetividades e aquilo que é *imóvel* e cumpre somente a função de *mostrar-se* passa a assumir outra postura ética e social.

Esta foi uma reflexão que impulsionou momentos cruciais para o desenvolvimento de meus pensamentos de como construir, na linguagem da arte, a ideia que não somente eu, mas principalmente estes elementos simbólicos, queriam que fosse dito. Garimpei com sensibilidade os vestígios que restaram nos manequins, agora operários(as) da construção civil, e nos carrinhos de mão, agora portadores de mensagens. Para mim, uma espécie de revigoramento dialético. As tensões do equilíbrio/desequilíbrio da existência humana e do próprio mundo.

Realizando esta pesquisa passei a me sentir cercado de um pequeno/grande mundo, povoado pela minha imaginação e dos vestígios, somadas ao esforço do trabalho sensível no campo tridimensional. Buscar meios e sentidos para dar forma a este mundo que surgia no espaço do atelier, e por que não no meu próprio corpo.

Assim, pensando em uma forma mais transparente de problematizar as questões que desembocaram neste trabalho de graduação, propus-me realizar algo mais concentrado que pudesse expressar e manifestar minha busca neste universo pesquisado. A fase anterior e já apresentada foi importante para que eu pudesse estabelecer uma maior imersão e posse poética do que busco.

Essa realização (final?) neste TFG foi trabalhada a partir de desdobramentos da maioria dos trabalhos (ao menos aqueles que me proporcionaram afetos) que foram apresentados na avaliação anterior.

Trabalhei buscando dar novos pesos, valores, formas e situações construtivas e de apresentação, para este momento. A partir de fotografias e vídeos da avaliação anterior, estudei e observei o conjunto instalado, objetivando uma análise crítica e reflexiva que me possibilitasse a construção de uma perspectiva de montagem e criação mais sintética. Menos elementos e adereços sem perda de potência. Este foi o pensamento que norteou meu processo. Neste sentido percebo o quão importante foi o tempo de maturação que ocorreu na primeira metade do trabalho de graduação.

Sinto que agora tenho as ferramentas necessárias para reafirmar a potencialidade deste trabalho. Transformar cenas em momentos, esculturas em personagens e espaços em lugares. Desta forma eu sentia que poderia, neste segundo momento, apresentar um maior domínio, uma maior posse compartilhada e socializante nesta experiência poética que apresento agora.

Reafirmo tendências e escolhas que já apresentei no primeiro momento desta realização. A busca da reflexão sobre os papéis de autoridade, a desigualdade social, que favorece uns em detrimento de outros, bem como a própria participação da arte nestas questões que para alguns, infelizmente não seria conteúdo e obrigação das artes em participar.

Busquei pontuar estas questões com trabalho e com os meus cúmplices, ou seja, o carrinho de mão e os manequins. Singularizar os diálogos que se abriram ao longo deste processo, sabendo da riqueza de vozes que poderia escolher.

Neste sentido, busquei em outro campo das artes, a música subsídios para fortalecer a minha pesquisa. E como sempre tive uma afinidade muito grande com a música, senti que poderia usar desta mesma afinidade também dentro de um grande conjunto, a instalação final dos trabalhos. E desta forma, ajudar a aproximar a ambientação que eu visualizo, desta apresentação que proponho.

Parece que, a música, também estava querendo se fazer presente e ouvida neste momento de importância para mim. Assim sendo, juntamente com o colega Matheus Bolson e Krishna Palandi, formamos um trio para criarmos uma composição musical que realizasse uma espécie de costura para contribuir na unicidade do todo. O processo criativo se deu a partir da música Cidadão de Zé Geraldo (já mencionada anteriormente neste trabalho) e de outra, do compositor Chico Buarque denominada Construção. Estas duas obras musicais dialogam sobre o mesmo conteúdo que estou trabalhando, e são muito significativas para mim. Tanto as letras quanto as melodias parecem que complementam a aura de energia sensível que necessito neste momento. Compusemos com três instrumentos: guitarra, contrabaixo e um sintetizador. Utilizamos procedimentos contemporâneos de composição principalmente diminuindo andamentos, e misturando excertos de ambas as composições objetivando uma recriação imbricada ao cenário.

Na realidade foi um processo quase que de re-apropriação porém, a partir do momento em que foi inserida em meu habitat cenográfico e absorvida expressivamente no conjunto de forças que tentei trabalhar ressurgiu nova e revigorada. Original no todo, pois fortalecida pela singularidade das partes visuais instaladas e criadas por mim. Tentei dotar a pesquisa, de um arsenal de territórios diversos aglutinados de forma a quebrar possíveis especificidades. Posição que talvez possa estar inserindo-a no sistema das artes atuais ou contemporâneas.

Com relação as peças escultóricas propriamente ditas, pensei em problematizá-las a partir do que já tinha feito anteriormente. Ou seja, repensar, redimensionar, e refazer possibilidades. Fotografei, analisei, refleti criticamente para poder solucionar incongruências sensíveis e de ordem técnica que, no meu entendimento, poderiam ser redimensionadas no sentido de ampliarem sua poética.

Figura 16 – Foto da instalação realizada no dia 04/12/2017



Referente ao trabalho que apresentei com o carrinho de mão e o manequim (vide **Figura 16**) na reflexão, julguei estar um pouco fragmentada nos aspectos construtivos e de conteúdo. Senti que era necessário um diálogo mais preciso e sensível compondo com maior limpeza e expressividade o discurso.

Depois de várias tentativas, projetos e remontagens cheguei a uma situação de montagem instalativa que, ao menos neste instante, me satisfaz. Um temor ficou ressoando, pois é muito difícil realizar um planejamento sem poder ter acesso para experimentação, *in sitto*. O projeto 'final' (?) ficou delineado com duas peças de manequim inseridas cada parte em uma sucata de carrinho de mão, formando um sistema de balanças. A inserção de areia

visa criar o equilíbrio ou desequilíbrio deste sistema, representando questões já discutidas na fase de projetos.

Visualizo essa peça, constituída por três elementos, que para a facilitação do transporte e da experimentação, serão separáveis. O eixo principal que conecta o espaço abstrato da escultura ao espaço físico, do real, o chão, será responsável por possibilitar o movimento do conjunto.

É nesta ponta de eixo que reside um grande problema técnico. Precisamente na necessidade instaurar o movimento real. Foi preciso criar uma realidade de fragilidade, peso, imprecisão e tensionamento. Essa tarefa consolidou-se dificultosa, o que não me impediu de encontrar soluções.

Visando trabalhar um princípio de busca de equidade embora em equilíbrio frágil, ocupei a caçamba dos dois carrinhos de mão com areia. A distribuição dos pesos constituirá um equilíbrio inconstante e dinâmico, característica das relações de trabalho e porque não dizer da própria sociedade pós-moderna.

O suporte que funciona como ponto de equilíbrio tem forma piramidal, constituindo-se também como elemento simbólico no conjunto. O equilíbrio dos carrinhos de mão e trabalhadores(as) se dá, fragilmente, a partir do seu vértice. Os movimentos físicos e conceituais circundantes podem, a qualquer momento, comprometer a situação aparente de equilíbrio.

A integração dialógica da poética se dá através de redes de proteção, lonas plásticas pretas, faixas de sinalização e cordas, materiais próprios do universo da construção civil. A música incidental⁴, também atuará na integração das partes instaladas e que necessitam conversarem para serem ouvidas.

Para fazer o espectador se introduzir no conteúdo discutido poeticamente, instalarei logo à entrada da sala de exposições C. Carricorde, entre dois pilares existentes, dois carrinhos de mão pendurados e balouçantes. Emoldurados pela firmeza das colunas de concreto mostram-se agora, velhos e frágeis amparado no aconchego do espaço. Simbolizam uma espécie de poética do abandono. Escombros, tão comuns nos locais de obras, que são inícios e fins contidos em um mesmo espaço.

⁴ Música Incidental é a música que acompanha uma obra teatral, um programa de televisão, um programa de rádio, um videogame e outras formas que não são o princípio musical.

Figura 17 – Foto de arranjo dos trabalhos no atelier



Estruturando e dando coesão a ideia, farei uso das letras das composições musicais (Cidadão, Zé Geraldo e Construção, Chico Buarque), que serão projetadas por um antigo(?) retroprojektor. Os textos serão projetados de maneira a expandirem-se, perdendo um pouco de definição, ao serem lançados aleatoriamente no todo.

Busquei, com uma gama alargada de elementos simbólicos da construção civil, que podem transversalisar, os alicerces para a identidade poética e ambientação do trabalho. Pretendo trazer, embora singularizada por mim, esta atmosfera para dentro da sala de exposições.

Uma espécie de narrativa visual, onde tentei simbolizar, pelo campo das artes, o sistema de relações que se estabelecem dentro da sociedade. Em particular na obra civil: quem constrói não usa, quem mantém não usa, quem sustenta, quase não usufrui (ensinos públicos...). O que separa essas pessoas? Qual é o ponto de (dês)equilíbrio?

Não busco respostas, sim, reverberações

As situações que tangenciam e tocam os territórios entre a força do trabalho e a do capital foram pontos relevantes na reflexão do meu processo de construção neste trabalho. A dicotomia e a instabilidade, resumidas neste jogo de poderes sócio culturais, tentei situar de forma lúdica e expressiva, porém potente e capaz de instigar as questões que foram gatilhos da pesquisa e que ainda me afligem.

Os contrastes e dicotomias entre as formas de trabalho braçal e intelectual, foram o acento dado para esta investigação, e foi neste sentido que se deu o surgimento desta poética.

Igualmente sinto, ao manusear e utilizar coisas já utilizadas, uma determinada instabilidade. Uma forma de impermanência. Reforcei este sentido trabalhando não somente com os suportes em si, mas tentando sentir a energia absorvida e guardada nestes. São, de certa maneira, mostras de impermanência, condição igualmente desaguada na sociedade atual. É quase um descarte que não leva em consideração a memória das coisas e das pessoas. As energias invisíveis que também sustentam nosso mundo Um fim e um início contidos na mesma coisa e espaço. Prédios em construção, feito embriões de proveta erguendo cidades e derrubando sonhos. A tecnologia que fortifica não consegue manter edificadas os sonhos de todos.

Pelo recorte que propus, busquei marcar e delimitar, mantendo vestígios humanos nas coisas (ou do que já foi humanidade...). Os materiais que sobram das obras de construção civil, restos de tijolos, muretas, restos de cimento e areia, são memórias destes espaços, no entanto, feito nós, são descartadas e suicidadas. São os processos de produção que, geralmente, tem unicamente no objeto acabado o seu valor. Assim, do físico e material, vi a possibilidade de pesquisar e apresentar uma espécie de vida e energia guardadas em camadas de sonhos e exclusões nestes carrinhos, velhos manequins e outras *sobras*.

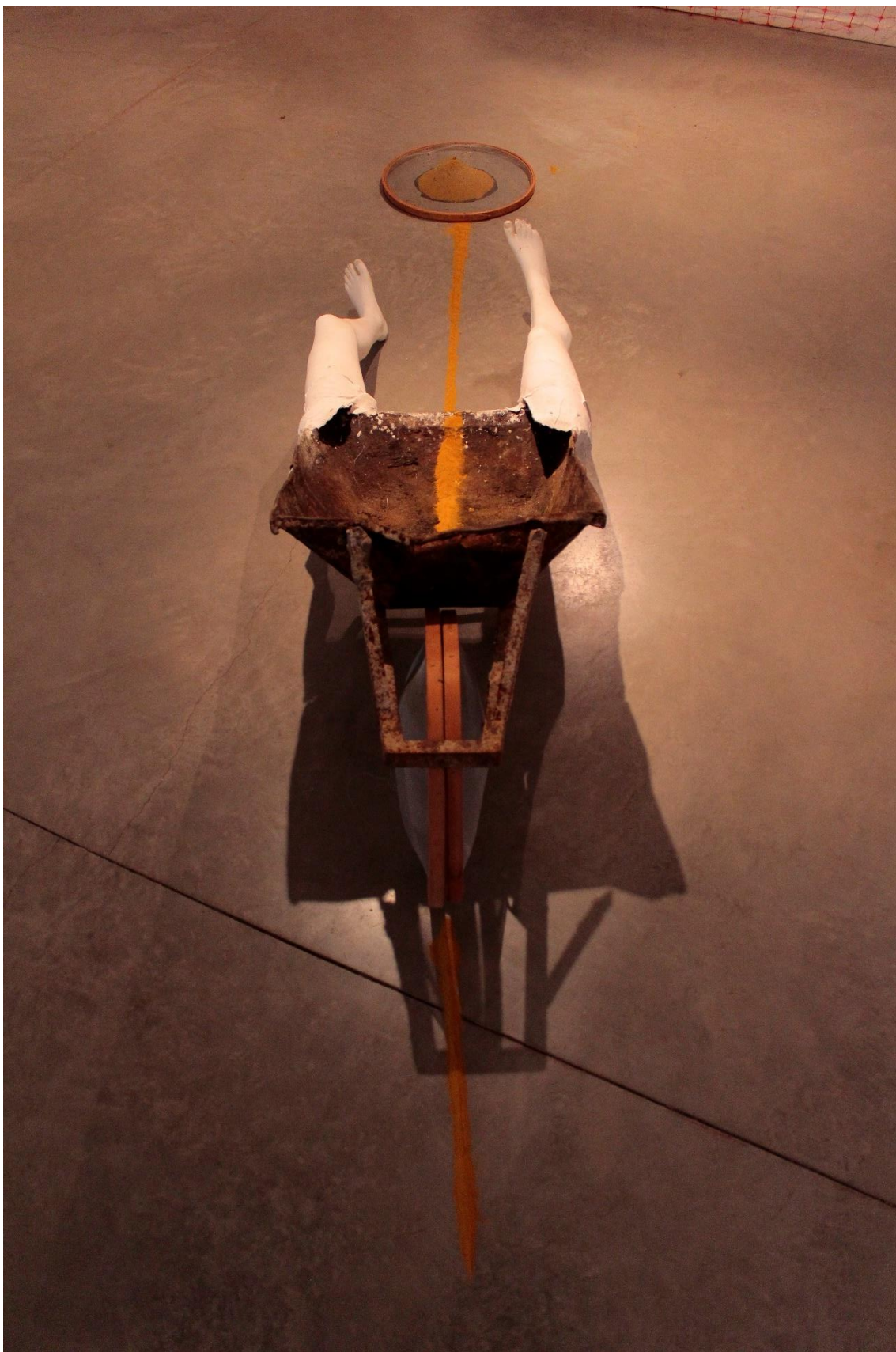
Essa abordagem, também, visou revigorar as questões de pesquisa que permearam a realização do Trabalho Final de Graduação I, agora reavaliado e novamente estruturado como Trabalho Final de Graduação II. Procurei manter sob reflexão e guardadas em mim os questionamentos e perguntas que desencadearam esse processo de pesquisa. Germinar novas possibilidades àquelas realizações e dúvidas que, aparentemente, agora estão concluídas. As artes, no meu entendimento, guardam em si a eterna vontade de estar finalizando-se. Um excitante estado de impermanência para provocar brotações diversas de uma mesma semente. Este trabalho apresentado posso dizer-lhes, já o sinto em estado de ressurgimento. Mãos à obra.... preciso continuar!

ANEXOS

Seguem em anexo as imagens da montagem dos trabalhos, realizada na sala C. Carriconde, no dia 12 de julho de 2018.









REFERÊNCIAS

- MOORE, Henry. **Figura Reclinada** °n.7, 1980, Bronze.
<http://catalogue.henry-moore.org/objects/18166/reclining-figure-no7>
- DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. 1ªed. São Paulo : Escuta, 2001
- KRAUSS, Rosalind. **La originalidade de la Vanguardia y otros mitos modernos**. 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2006
- MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES. **Francisco Gazitua**.
 ?ed.Santiago. Bhauihaus Editorial, 1995
- ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL. **APROPRIAÇÃO**. In:
 ENCICLOPÉDIA
 Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.
 Disponível em:
 <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3182/apropriacao>>. Acesso em:
 06 de Nov. 2017
- RIBENBOIM, Ricardo(Coord.). **Tridimensionalidade Brasileira: arte brasileira do sec XX**. 2ªed. São Paulo. Cosac & Naify, 1999
- JUSTINO, Maria José. **Seja Marginal, Seja Herói: Modernidade e pós-modernidade em Helio Oiticica**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1198
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- GERALDO, Zé. **Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro, CBS, 1979
- BUARQUE, Chico. **Construção**. Rio de Janeiro, Phonogram, 1971